

“SHERLOCK HOLMES E SUAS IMITAÇÕES MAIS OU MENOS GROSSEIRAS”: LITERATURA DE CRIME NO BRASIL¹

Ana Gomes PORTO*

- **RESUMO:** A publicação de uma literatura de crime no Brasil (nacional e estrangeira) foi bastante comum a partir, principalmente, da década de 1870. Pretende-se mostrar que havia uma disseminação destas publicações, editadas em diversos formatos: folhetim, livro, fascículo. Uma ampla circulação destas histórias sugere que havia um interesse de leitores, editores e autores nesta produção, que foi facilitado por um incipiente mercado de letras, gerado pela diversidade de jornais, livreiros-editores e tipografias.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de crime. Criminosos. Detecção. Jornalismo e literatura

De algum tempo a esta parte os romances policiais e as novelas sangrentas invadiram as livrarias, constituindo-lhes os mais rendosos negócios. Muita gente há hoje que não lê senão Sherlock Holmes ou suas imitações mais ou menos grosseiras. Quem é que lê hoje romances de amor, romances realistas, romances sociais, novelas romanescas?

Alguém já deu o grito de alarme contra essa visão persistente de crimes e de sangue! Há nessas leituras uma sugestão perfeita, uma verdadeira escola do crime.

É preciso considerar que o romance não deixa de ter uma influência importante na educação da mocidade e na vida do povo, que é sempre a eterna criança.

As almas impressionáveis das pobres e gentis costureiras e empregadas não vibram senão com a leitura do romance barato, em que o tema único é o crime; com a visão do teatro popular, cuja declaração é de sangue.

Temos observado ultimamente, pelo poder imperioso da sugestão, desenlaces reais das proezas dos heróis dos romances.

De fato, a literatura rubra destila venenos pífidos; mas nem toda ela é uma árvore daninha que se deva extirpar até às raízes. Quais seus frutos úteis, de valor moral ou social? (NICEFORO, 1913, p.437).

* Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba. Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas. Piracicaba, SP – Brasil. 13423-170.

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP – Brasil. 13083-859 – anagporto@yahoo.com.br

¹ Artigo realizado a partir do meu doutorado defendido em 2009 no Departamento de História da Unicamp (PORTO, 2009). Pesquisa realizada com financiamento da CAPES (2003) e FAPESP (2004-2007).

Artigo recebido em 01 de julho de 2011 e aprovado em 27 de novembro de 2011.

O objetivo do autor neste artigo publicado no *Boletim Policial*, periódico direcionado aos membros do aparato policial e judiciário, está em delinear “a investigação judiciária científica”(NICEFORO, 1913, p.443) e mostrar as vantagens técnicas do “investigador moderno científico” (NICEFORO, 1913, p.438). No decorrer do texto se apresentam ao leitor demonstrações de técnicas de investigação realizadas por homens ligados à polícia europeia. Nesse ínterim, a comparação entre o “detetive real” e o “detetive imaginário” se fixa a partir de uma equiparação entre personagens de Conan Doyle (Sherlock Holmes) e Émile Gaboriau (Lecoq) e os homens responsáveis pela descoberta de crimes que utilizaram a investigação científica (exame do local do crime e do cadáver, interpretação de pegadas, impressão digital, entre outras técnicas). Há um sentido de evolução dos descobrimentos técnicos de investigação policial, os quais ultrapassariam a imaginação dos romancistas, que teriam um “manancial inesgotável” de idéias para novas novelas (NICEFORO, 1913, p.444). A enumeração de descobertas científicas presentes nos romances poderia torná-lo “fruto útil” e, conseqüentemente, “de valor moral ou social”.

Apesar desse objetivo principal, o trecho em destaque aponta outra característica: as “novelas sangrentas” eram agradáveis aos leitores, entre os quais se tornavam objeto de entretenimento e ultrapassavam o sucesso de outros romances. Essa popularidade, porém, não agradava o autor, que se declarava contra a leitura de tais romances pelos leitores comuns, já que esses teriam “almas impressionáveis”. Assim, para alguém interessado nos desvendamentos da ciência e na utilidade indutiva da busca de criminosos (ou seja, as pessoas ligadas à polícia ou justiça), os romances seriam úteis. Por outro lado, para os “leitores impressionáveis”, as “proezas dos heróis” se tornariam mais relevantes e, talvez, induzissem o crime na sociedade: “Temos observado ultimamente, pelo poder imperioso da sugestão, desenlaces reais das proezas dos heróis do romance.”

A constatação da existência de uma literatura de crime no período não se dava apenas no mundo europeu (o autor do artigo era um estudioso italiano, vinculado à escola lombrosiana). No Brasil havia uma produção dessas narrativas, fato que justificaria a tradução do artigo em um periódico brasileiro claramente doutrinário². Houve um interesse maior em publicações de livros que tematizavam crimes a partir de 1870, incentivando uma produção nacional e a edição de inúmeros títulos estrangeiros. Este interesse – de público, editores e autores – em publicar livros (ou folhetins) que tinha o crime (ou criminosos) como eixo central da narrativa caminhou em paralelo a novas formas de investigação e controle do crime e do criminoso nos discursos médicos e de antropólogos criminais.

² O *Boletim Policial* publicava artigos traduzidos, conferências e artigos de autores brasileiros, normalmente ligados à polícia ou justiça. Um dos principais colaboradores e mentor do *Boletim* foi Elyσιο de Carvalho que, a partir da segunda década do século XX, passa a dirigir o Gabinete de Identificação e Estatística, além de exercer a função de professor e diretor da Escola de Polícia do Rio de Janeiro.

O objetivo neste artigo será mostrar as características gerais de algumas dessas narrativas de crime, tentando situá-las nesse contexto de ampla discussão sobre crimes e criminosos. Pretendo, ainda, detalhar o circuito de publicação, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo.

No final do século XIX surgiram variadas pesquisas sobre o caráter hereditário da criminalidade e, simultaneamente, inventaram-se novos tipos de identificação de criminosos e técnicas de investigação. Estudiosos tentavam delinear um quadro mais exato para que os “delinquentes” fossem identificados e, em 1889, “[...] todas as sumidades da Europa em matéria de medicina legal, de antropologia criminal ou de doenças mentais” (DARMON, 1991, p.11) se reuniam num congresso em Paris, tendo à frente os recentes trabalhos de Lombroso, que “[...] acabara de demonstrar ao mundo atônito que todo delinquente é um indivíduo que carrega os estigmas atávicos de suas tendências criminosas” (DARMON, 1991, p.12).

Multiplicaram-se as descobertas ao redor dos criminosos e da detecção dos crimes. Entre eles estavam os trabalhos de Bertillon que criou, por volta de 1880, a antropometria judiciária e de Galton sobre as impressões digitais³. Tais métodos se adaptaram perfeitamente à individualização dos criminosos e foram úteis para identificar cada criminoso, criando um histórico de reincidentes através das fichas sinaléticas. Delineava-se, portanto, todo um sistema baseado na ciência e no seu caráter de neutralidade para que crimes e criminosos pudessem ser identificados. Segundo Darmon (1991, p.16), “[...] a criminalidade transformou-se, por volta do final do século XIX, num trampolim para a medicina na sua conquista de poderes”.

No Brasil ocorria o mesmo processo. Cancelli (2001) nota a presença de um paradigma baseado na cientificidade nos anos finais do século XIX. O crime e a noção de classes perigosas se vincularia ao saber da medicina legal, que informava a polícia e o judiciário e definiria as metas de repressão social⁴. Portanto, “[...] higienizar e moralizar as cidades, antes de tudo, significará combater a degenerescência do indivíduo para a coletividade, em nome da ciência e não do indivíduo” (CANCELLI, 2001, p.51). Chalhoub (1996, p.35) aponta que a presença intensiva de médicos e higienistas no Brasil nas décadas finais do século XIX adquiria um caráter de neutralidade quando, na verdade, era estritamente política: “Em suma, tornava-se possível imaginar que haveria uma forma ‘científica’ – isto é, ‘neutra’, supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais em geral – de gestão dos problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes”.

³ Ver Ginzburg (1989) e Darmon (1991).

⁴ Somente como exemplo, no relatório apresentado ao Secretário da Justiça do estado de São Paulo em 1895 há a defesa da antropometria criminal. O Chefe de Polícia está muito preocupado com o “número avultado de detenções por crimes contra a propriedade e a pessoa” em consequência da “vagabundagem, embriaguez e do uso de armas proibidas” e pretende usar a antropometria criminal como forma de detecção dos criminosos e prevenção dos crimes (RELATÓRIO..., 1895).

Se havia um esforço maior em cercar os criminosos numa tentativa de higienizar as cidades, nos jornais as notícias de crime ocupavam um espaço razoavelmente grande, às vezes na primeira página, com destaque. Casos de sucesso com desfecho em morte e muito sangue duravam dias, às vezes, meses. Os gatunos ou amigos do alheio (como eram corriqueiramente conhecidos), ou as quadrilhas organizadas, também eram personagens relevantes dessas notícias⁵. Os crimes e o mistério, que muitas vezes estava subjacentes às histórias, introduziam novas formas de utilização dos espaços cotidianos dos jornais.

O escritor Valentim Magalhães comenta o assassinato de Mme. Asty em 1890 no Rio de Janeiro e explicita formas de exploração do episódio, servindo como um excelente exemplo de demonstrar formas de utilização do espaço dos periódicos com notícias de crime mais elaboradas e, porque não dizer, mais literárias.

Francesa residente no Brasil desde 1882, parteira na Santa Casa de Misericórdia, o seu assassinato causou “profunda impressão no Rio de Janeiro” e foi tema da coluna “O mundo fluminense”, escrita semanalmente pelo escritor no jornal *O Estado de S. Paulo*⁶:

Um crime curiosíssimo este, sobretudo do ponto de vista da antropologia criminal.

Entretanto já ninguém mais fala nele! Os jornais limitaram-se a dar a descrição do delito, algumas informações sobre autora e vítima, uns retratos, de ambas, quase tão horrendos como o crime, e mais nada!

Pois olhem, caros colegas, esse crimezinho bem aproveitado, tratado à moderna, dava assunto para entreter durante oito dias, pelo menos, a insaciável curiosidade do público.

Eu, diretor de um jornal da importância e dos recursos d’O Paiz ou da Gazeta, incumbiria da notícia do crime um romancista do pulso de Aluísio Azevedo, que tudo havia de examinar de perto, fazendo uma reportagem inigualável e, depois, encarregaria a Raul Pompéia, por exemplo, de aprofundar o estranho caso de psicologia criminal, estudando os antecedentes e a mentalidade da criminosa.

Isso é que seria um serviço de imprensa bonito! (“O mundo fluminense”. (MAGALHÃES, 1890, p.1).

Valentim Magalhães (1890), ao emitir a sua opinião sobre a importância que as notícias de crime adquiriam na imprensa do momento, evidencia a intenção (ou o desejo) dos diretores de jornais naqueles tempos⁷: a aproximação de relatos de crimes

⁵ Ver Porto (2003).

⁶ A coluna abordava fatos do cotidiano, episódios muito divulgados na imprensa, crítica política, comentários literários e qualquer outro assunto que havia sido relevante no Rio de Janeiro.

⁷ Valentim Magalhães dirigia *A Semana*, periódico criado no final de 1884.

a formas narrativas próximas da literatura. No mesmo ano de 1890, a publicação pelo mesmo jornal *O Estado de S. Paulo* de *Um crime no Paço Imperial*, no espaço destinado às notícias e não no rodapé, era indicativo de que já havia uma apropriação de notícias cotidianas em formas narrativas mais palatáveis. *Um crime no Paço Imperial* apresentava as mesmas características dos romances seriados, porém, com a diferença de se tratar de uma história gerada a partir de notícias sobre o aparecimento de um esqueleto no Paço Imperial. O narrador era, aparentemente, real: um suposto advogado de Itapetininga que pretendia esclarecer o aparecimento do esqueleto. O “caso do esqueleto”⁸ envolvia diversas notícias em jornais paulistas e cariocas, além de outros dois folhetins publicados simultaneamente em outros jornais: *O esqueleto. Mistérios da Casa de Bragança* (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro) e *O esqueleto do Paço – história d'além túmulo* (*Diario do Commercio*, Rio de Janeiro).

Além de ocuparem um espaço considerável nas folhas da época, os crimes se multiplicavam sob a forma de romances-folhetim e de publicações de livreiros-editores e tipografias. Assim, romances em que um crime se tornava o eixo central da narrativa eram exibidos no rodapé dos jornais diários e livros sobre crimes eram editados pelas mais diversas editoras – às vezes, um folhetim impresso sob a forma de volume pela própria tipografia do jornal; às vezes, uma história nova, publicada diretamente em volume. Entre outros títulos, pode-se destacar: *Os estranguladores do Rio ou o crime da rua da Carioca*, *A noiva do assassinado*, *O crime da mala preta*, *O crime da mala ou um criminoso inocente*, *O crime de Araraquara*, *Roubo de um diamante*, *O fruto de um crime*, *Na senda do crime*, *Criminosos Célebres*, *O Ladrão*, *O médico assassino*, *O roubo dos seis milhões*.

Narrativas de crime

O *Newgate Calendar* era um tipo de narrativa publicada na Inglaterra e que fazia parte de uma tradição de histórias romanceadas de criminosos. Tratava-se de uma crônica detalhada, que circulava principalmente na primeira metade do século XIX, acerca dos condenados à forca. Segundo Ronald Thomas (2001), estes relatos, muito populares, inspiraram uma produção literária centrada no crime que, por sua vez, influenciou a “detective fiction” do final do século XIX. Para o autor, histórias de crime foram centrais na literatura do período vitoriano e não se concentraram somente no final do século, com o sucesso estrondoso de Sherlock Homes.

⁸ Analisado em um dos capítulos da minha dissertação de mestrado (PORTO, 2003). Ver, também, Porto (2002).

Assim, romances como *Mary Barton* de 1848, *Great Expectation* de 1861 ou *Daniel Deronda* de 1876 poderiam ser reconhecidos como “detective stories” em alguns momentos da narrativa, principalmente naqueles em que se revelava uma identidade secreta ou um ato criminoso através da investigação. Contudo, conclui o autor, isso não significa que

[...] todo romance do século XIX é uma história de detetive ou que as distinções entre diferentes tipos de narrativas são irrelevantes. Isso indica, pelo contrário, que as condições históricas que deram origem a essas formas também tiveram lugar (mais ou menos) em praticamente todos os outros tipos de literatura no período. Neste sentido, investigação é tanto uma qualidade de todos os romances vitorianos quanto uma espécie distinta de romance vitoriano em si mesma. (THOMAS, 2001, p.170).

Apesar de não identificar um nome para esse tipo de produção, Louis Chevalier (1958) indica que o tema crime era corriqueiro para os contemporâneos parisienses tornando-se, inclusive, popular em diversas formas de entretenimento que perduraram durante o século XIX. Assim, uma atividade literária que tentasse se voltar a um público mais amplo, normalmente centrada no melodrama e nas crônicas populares faziam a referência a crimes. Neste mesmo caminho a imprensa se tornava um célebre veículo de comunicação, em grande medida, como decorrência das notícias de crimes. Paris, de acordo com Mandel (1988), via prosperar “o maior sensacionalismo possível” neste período⁹. Portanto, parece existir um caminho de duas mãos: se por um lado os crimes eram populares e viravam entretenimento, por outro havia uma possível assimilação dos métodos de repressão e controle social.

O sensacionalismo¹⁰ parece derivar diretamente de um formato de notícia criado na década de 1860, na França. O *fait divers* surgiu no *Le Petit Journal* e competia com o sucesso que faziam os folhetins. Tratava-se de “[...] uma notícia extraordinária,

⁹ Alguns romances dos anos iniciais da década de 1860 na Inglaterra eram nomeados pelos contemporâneos como “romances sensacionais” e faziam sucesso entre o público, por exemplo, *The woman in white* de Wilkie Collins em 1860, que foi transformado em peça teatral. Pode-se citar, também, *Lady Audley* de Elizabeth Braddon em 1862 e *The moonstone* em 1868, de Wilkie Collins. Ao analisar a história literária do romance policial, com a perspectiva de compreender os motivos que cercaram a permanência, por muitas gerações, das histórias de Sherlock Holmes, Franco Moretti (2000, p.217, grifo do autor) repara que: “[...] todos os ‘precursores’ do mundo são incapazes: reparando-se nas pistas do século XIX, é surpreendente o tempo que se leva para perceber que dois e dois são quatro. Mistérios eram concebidos, pistas eram imaginadas – mas eles não estavam conectados um ao outro.”

¹⁰ “Sensacional” (não sensacionalismo) é uma palavra que apresenta importantes mudanças de significados ao longo do século XIX. Assim, de um sentido restrito apenas à impressão física e sensorial como indica o *Dicionário da Língua Portuguesa*, compilado por Antonio Moraes Silva. Lisboa, 1813, seriam adicionados sentidos figurativos. No *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, publicado pela primeira vez em 1868, a palavra sensação seria uma “impressão moral, uma emoção”, citando como exemplo “aquela notícia causou muito sensação” e aproximando-se do significado de sensacionalismo, que data de 1909 no *Le Petit Robert*:

transmitida em forma romanceada, num registro melodramático, que vai fazer concorrência ao folhetim e muitas vezes suplantá-lo” (MEYER, 1996, p.97-98).

O *fait divers*, segundo Meyer (1996), influenciou os folhetins posteriores à década de 1870. Assim, tais folhetins visavam “[...] aderir ao real, mais verossímil, o que o levará a acompanhar o naturalismo então vigente” (MEYER, 1996, p.102). O folhetim pós-1870 teria os “dramas da vida” como cerne das narrativas: “Ele imita a vida, que por sua vez imita o folhetim, se atentarmos para os temas recorrentes dos *fait divers*, ambos ilustrados com figuras quase intercambiáveis no seu gosto pelos episódios sanguinolentos e espetaculares”(MEYER, 1996, p.233). Além de que “não se pode esquecer que a retórica e os chavões desse folhetim se alimentam muito do discurso médico da época, dos processos criminais e da notícia jornalística, de que o *fait divers* é o exemplo mais notório”(MEYER, 1996, p.242).

Ao trazer para o centro da discussão a diversidade, a diferença (*diver*), os criminosos passavam a ocupar lugar central como exemplos fora da normalidade, ou seja, desviantes em relação ao padrão desejável. De certa maneira, tratava-se de um discurso similar ao da degenerescência e da hereditariedade das anomalias, às quais eram imputadas aos criminosos e os transformavam em seres abomináveis. Porém, se essas notícias, por um lado, instigavam o leitor a perceber formas de vida consideradas inadequadas, por outro, forneciam ao criminoso o foco das atenções (certamente, impressionando os leitores com suas “proezas”).

No Brasil, esse tipo de notícia era recorrente nos jornais das décadas finais do século XIX. Na *Gazeta de Notícias*, a tradução foi literal: “fatos diversos”; já n’*O Estado de S. Paulo*, um pouco modificada para “notícias diversas”. Embora a dubiedade da tradução literal, que poderia indicar um espaço para notícias variadas e sobre diversos assuntos, o fato é que havia uma referência explícita à denominação francesa e ao seu conteúdo quase constante: crimes.

Se nas notícias floresceram os *fait divers*, houve também uma recorrência de folhetins (não apenas aqueles que tinham os crimes como cerne da narrativa) desde a década de 1840, tanto de narrativas traduzidas como *Os Mistérios de Paris* de Eugène Sue¹¹, quanto de autores brasileiros reconhecidos como José de Alencar e, posteriormente, Machado de Assis e Aluísio Azevedo, entre outros. A presença

dictionnaire de la langue française. Sobre as mudanças de significados e as relações com a literatura de crime ver a parte II – *Narrativas* da minha tese de doutorado (PORTO, 2009).

¹¹ Vitorino (2002) ressalta a receptividade do público em relação à obras de Eugène Sue no Brasil. Este interessante artigo mostra formas de apreensão de leitura através da análise de alguns artigos publicados por um tipógrafo no *Jornal dos Typographos* da década de 1850: “Não foi à toa que os artigos sobre os livros de Eugène Sue foram publicados no *Jornal do Typographos*, pois além deste jornal ser no período financiado e editado exclusivamente pelos compositores tipográficos, havia neste periódico um cruzamento entre o mundo da escrita e o mundo do trabalho que ocorria na profissão dos tipógrafos e era tema de fundo para os comentários das obras de Sue” (VITORINO, 2002, p.83).

de uma literatura de crime se insere neste contexto de traduções e especulações em torno de histórias de sucesso e dos *fait divers*. E, da mesma maneira, amalgamou-se a inúmeras novelas vindas da Europa e fez com que histórias semelhantes surgissem entre autores brasileiros.

Possivelmente, Moreira de Azevedo, escritor conceituado de artigos na *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*¹² publicava, simultaneamente aos seus artigos da *Revista*, a obra publicada na década de 1870, *Criminosos Célebres: episódios históricos* inspirada nas inúmeras narrativas europeias sobre bandidos. A estrutura formal do texto divergia bastante de seus trabalhos como historiador¹³. Nela dissertava, de maneira romanceada, sobre a vida de alguns bandidos que fizeram sucesso em terras brasileiras. Provavelmente uma variedade das crônicas dos condenados à forca na Inglaterra ou mesmo das crônicas judiciárias, tradicionais na França. Ambas coexistindo em território brasileiro e mostrando a existência de uma circularidade intelectual entre Brasil e Europa, inclusive no que concerne às narrativas de crime.

Maria das Dores (1879), nome ou pseudônimo de um autor (a) desconhecido certamente teria a sua obra *A noiva do assassinado* renegada pela crítica literária. Porém, nota-se uma nítida presença de elementos da ficção de crimes. Assim, em meio a uma narrativa pautada por um tom romântico, uma bela jovem desvenda o mistério que cercava a morte de seu noivo. Entre eles, momentos de tensão e um desfecho com a resolução do crime nos Tribunais (ação recorrente em diversas histórias) e a descoberta da verdade sobre o assassinato, que era imputado falsamente a outro personagem:

Então o juiz perguntou ao réu se tinha a dizer alguma coisa em sua defesa.

Ele respondeu:

- Digo o que sempre disse; não cometi o crime.
- Mas não houve, tornou o juiz, o que dizem as testemunhas; são todas falsas?
- Sem dúvida, respondeu Rodolfo.
- Mas como se explica o encontro do seu punhal? Insistiu o juiz.
- Não sei, senhor; tudo isto é para mim um mistério tenebroso, através do qual só vejo que o verdadeiro assassino teve a habilidade de me colocar em seu lugar. O réu calou-se, e um relâmpago, que penetrou pela janela, lhe iluminou o pálido rosto, que sempre tem o caluniado. (DORES, 1879, p.68-69).

Se a atenção (tensão) é prolongada no momento do julgamento, não será menor o efeito da apresentação detalhada do cadáver. Assim faz Aluísio Azevedo em *Mistério*

¹² Entre outros: Moreira de Azevedo (1874, 1875).

¹³ A diferença mais relevante está na temática dos artigos da *Revista* – todos pautados em episódios políticos.

da Tijuca, romance publicado inicialmente no rodapé da *Folha Nova* no final de 1882 e início de 1883, sendo logo após editado sob a forma de livro pela tipografia do mesmo jornal. Nesta primeira edição (o romance passa a se chamar *Girândola de Amores* e apresenta modificações de estrutura e conteúdo) havia, claramente, uma tentativa de se fixar nos detalhes do crime. A descrição do cadáver está nas páginas iniciais e aponta o início da investigação:

Sobre uma das mesas, jazia, empanado na rigidez da morte, o corpo ensangüentado de um homem branco. Ao lado, dentro de um caixão de forma especial e com as tábuas enebadas pelo hábito de carregar os despojos das autópsias, viam-se matérias informes, de uma cor estranha e repugnante; dentre as quais sobressaíam vísceras humanas, gordas e brancas como carne de porco, um crânio serrado ao meio, deixando transbordar a massa compacta dos miolos. (AZEVEDO, A., 1882-1883, p.14).

A partir da década de 1870 a publicação de histórias de crime se tornará comum e disseminada¹⁴. “Memórias”, “episódios históricos”, “novela histórica”, “romance sensacional”, “aventuras” são designações fornecidas pelos autores (ou editores) que podem se tornar elucidativas ao mostrar que não havia uma denominação única para as narrativas de crime, mas que elas possuíam uma flexibilidade formal que poderia ser unificada no tema: o crime, o criminoso, a vítima, a resolução do caso na justiça. A semelhança com os inúmeros processos não terá sido mera coincidência, mas uma característica peculiar dessa literatura de crime.

O caso Pontes Visgueiro

Em 1934, Evaristo de Moraes se propunha a comentar alguns processos célebres da história brasileira. A série tinha início com um caso instaurado em 1873 contra o desembargador Pontes Visgueiro e a intenção do criminalista era mostrar que a condenação (galés perpétuas, substituída por prisão perpétua com trabalho por ser o réu maior de 60 anos) foi decorrência de um erro judiciário, pois se tratava de uma pessoa irresponsável, já que possuía uma “constituição de cunho degenerativo” (MORAES, 1934, p.212) perceptível a partir de um “exame médico-mental”(MORAES, 1934, p.219) que não foi realizado na época do julgamento.

¹⁴ Havia narrativas anteriores como, por exemplo: *Quem é José Ferreira ou Memórias de um roubo célebre praticado por este cirurgião do corpo de saúde do exército* (1857); *Últimos momentos de quatro sentenciados à morte* (1839); *Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes* (ROCHA, 1839) e *O assassino e o adultério* (NÓBREGA, 1851).

A intenção do autor seria demonstrar, a partir dos novos conhecimentos da ciência criminal daquele momento (anos 30) que o réu tinha características específicas de degeneração (surdez adquirida em idade precoce) e deveria ter sido inocentado do crime de homicídio do qual foi vítima a sua amante Maria da Conceição. Para tanto, a sua monografia traça um resumo da vida pregressa do desembargador, as circunstâncias em que o crime foi cometido e uma análise detalhada do julgamento. Apesar disso, não deixa de acrescentar um capítulo denominado “boatos, versos populares e romance a respeito de Pontes Visgueiro”, indicando que o crime foi bastante conhecido naquele momento. Para Evaristo de Moraes, tratava-se de uma “produção com literária, ou, por outra, com pretensão a literária” (MORAES, 1934, p.204-205).

Se era duvidosa, para Evaristo de Moraes, a relação entre o caso e uma “produção literária” ou “com pretensão a literária”, o fato é que houve, ao menos, um romance publicado na época do crime. Além disso, publicou-se as falas proferidas pela acusação e advogado de defesa e ilustrações que traziam em detalhes o momento do assassinato nos jornais ilustrados.

O romance foi publicado logo após o crime, antes mesmo do julgamento no início de 1874 pela Tipografia Comercial¹⁵. A narrativa, ao contrário daquela apresentada por Evaristo de Moraes (1934) anos mais tarde, centrava-se inicialmente na história de vida de Maria da Conceição: uma moça prostituída pela mãe ainda muito jovem, aos 13 anos, em troca de casa e comida. Os termos utilizados pelo autor para se referir à Maria da Conceição não são positivos: “rameira das estalagens”, “baixa meretriz”, “perdida”, “impura”, “desgraçada”, “cadáver moral”, “incapaz de se regenerar”(F. R. MARIA..., 1873, p.54). O crime foi decorrência da relação amorosa entre Pontes Visgueiro e Maria da Conceição. De acordo com o autor, Maria da Conceição estaria destinada a uma “vida errante e vagabunda” (F. R. MARIA..., 1873, p.73) e o desembargador exigia fidelidade absoluta.

O crime foi cometido de maneira brutal, e, segundo o romance, indicava “[...] os instintos ferozes do desembargador, [que] como o tigre, não contenta-se com o espedaçar a vítima, quer ainda beber-lhe o sangue!...”(F. R. MARIA..., 1873, p.78). A descrição do momento do crime foi a seguinte:

Assim domada, lhe foi aplicado o clorofórmio pelo desembargador, que mandou o cúmplice agarrar a toalha que lhe tapava a boca.

As repetidas aplicações deste narcótico, auxiliados pela asfixia, proveniente de estar a garganta fortemente apertada, lhe fizeram perder os sentidos.

[...]

¹⁵ F.R. MARIA da Conceição, a vítima do desembargador Pontes Visgueiro (1873).

Adormecida que foi, à ela lançou-se este [o desembargador Pontes Visgueiro] e lhe mordeu enfurecido o corpo.

[...]

Não querendo deixar o mínimo vestígio de sangue, mandou que Guilhermino agarrasse o cadáver pelos pés e segurando-o pelos ombros o depositaram no caixão.

Vai agora aumentar-se o horror da cena. Maria da Conceição jaz num pequeno caixão de cinco palmos de comprimento, que não a pôde conter estendida. O desembargador que já o havia compreendido, tinha-se prevenido de cordas, e amarrando o pé direito o faz voltar sob a coxa respectiva, e os amarra, mandando a Guilhermino que fizesse o mesmo com a perna esquerda.

Preparado assim o corpo, que estava numa posição má, e por força dela levantado de tal sorte que não seria possível pregar o caixão, o desembargador assim compreendendo, lança mão do trinchete, que, anteriormente havia feito amolar por Guilhermino, e cortadas as cordas, estendeu de novo a perna direita e deu profundo golpe na curva, procurando vergar perna sobre coxa.

Não o podendo obter ainda deixou de novo pender a perna, e a desarticulou pelo joelho, a perna assim desarticulada é deitada a um lado do caixão. Logo depois, o desembargador agarra a cabeça da vítima pelos cabelos, e com o mesmo trinchete lhe corta o pescoço até que a cabeça voltando pôde cair sobre as espáduas e ser introduzida no caixão. (F. R. MARIA..., 1873, p.80-81).

As especificidades das produções em torno desse crime estão no fato de que todas as narrativas do momento do assassinato reproduziram as palavras emitidas pelo Chefe de Polícia escritas logo após os eventos. Como se pode notar, tratava-se de um texto bastante impressionante e foi repostado incansavelmente em diversos jornais. As folhas ilustradas expunham, sob a forma de gravuras, exatamente as cenas que se ficcionalizavam a partir da descrição detalhada do crime.

O crime de Pontes Visgueiro foi, possivelmente, um dos primeiros casos de grande repercussão nos meios de comunicação da época. Nota-se um efeito sensacional que apenas foi possível pela simultaneidade de produções. Esse efeito não pode ser compreendido sem se considerar outras formas literárias que, muitas vezes, caminhavam entremeadas às narrativas de crimes. As traduções, publicações e produções não foram únicas do Brasil. Além disso, mostram que estavam intrínsecas a um momento histórico em que havia um interesse maior pelo crime na sociedade em geral. Tratava-se, com toda a certeza, de um fenômeno que repercutiria nas notícias sensacionalistas produzidas pelas mídias impressas e eletrônicas de finais do século XX, mas também criaria herdeiros importantes que ainda não eram tão óbvios naquela época. Entre eles, o romance policial.

Crimes publicados: tipografias, livreiros, jornais

A publicação de narrativas de crimes no Rio de Janeiro não necessariamente condiz com crimes ocorridos neste local. Porém, pode-se dizer que, por concentrar um grande número de tipografias e editoras se tornou lugar privilegiado de produção. Isso não resulta, entretanto, no fato de que todas as narrativas possuíssem enredo em torno da Corte ou da vida na capital. *Maria da Conceição, a vítima do desembargador Pontes Visgueiro* foi editado no Rio de Janeiro. A posição de desembargador, neste caso, fez com que o seu julgamento fosse realizado na Corte. Assim, os jornais da capital do Império exibiam inúmeras notícias sobre o caso e a publicação do romance caminhou em paralelo às notícias e ao julgamento.

Carneiro Vilela se destaca como um autor de histórias centradas em crimes e ambientadas e produzidas em Pernambuco. *A Emparedada da Rua Nova*¹⁶ é digna de menção, já que apresenta construções bem acabadas de um gênero que se mesclava às “histórias folhetinescas”, mas que se tratava, realmente, de um romance de crime com todas as técnicas próprias desse tipo de história: investigação, descrição detalhada do momento do crime, história do criminoso. Além da perspectiva de mistério e suspense que acompanha as mais de 400 páginas do romance.

A literatura de crime aproximava editores considerados populares (como o livreiro-editor Pedro Quaresma) e editores renomados (como B.L. Garnier). Ainda em 1873, Garnier publicava duas traduções de Émile Gaboriau: *A corda na Garganta* e *O crime de Orcival*. Ambas com enredo centrados na investigação e no desvendamento do crime. O autor já era renomado entre os leitores.

Se o livreiro-editor do *Instituto Histórico* publicava essas traduções, fazia circular, também, *Criminosos Célebres* de Moreira de Azevedo [ca. 1872]. *Pedro Espanhol*, *Vasco de Moraes* e *Os Salteadores da Ilha da Caqueirada* são as três histórias contadas por Moreira de Azevedo, baseada em fatos noticiados nos jornais da década de 1830. *Pedro Espanhol* também foi um romance-folhetim escrito por José do Patrocínio em 1884, na *Gazeta da Tarde* e trazia a história do mesmo criminoso abordado por Moreira de Azevedo. Aliás, Patrocínio já escrevera o seu *Motta Coqueiro ou a pena de morte* em 1877, baseado em um erro judiciário de pena de morte e publicado sob a forma de folhetim na *Gazeta da Tarde*.

Ainda nessa década era publicado o romance *Maria da Conceição, a vítima do desembargador Pontes Visgueiro* pela Tipografia Comercial e logo após o julgamento do desembargador, em 1874, a Tipografia Teatral e Comercial publica *Assassínio de Maria da Conceição. Processo e julgamento, inclusive a acusação e defesa produzidas perante o Supremo Tribunal de Justiça, segundo a compilação feita para a revista “O Direito”*.

¹⁶ Cf. VILELA, 1984.

Vende-se na Rua da Quitanda 49 e 135. Ainda nos anos 70, há uma publicação de Alberto Delpit, denominada *Um mistério e A noiva do assassinado* de Maria das Dores pela Tipografia de Agostinho Gonçalves Guimarães.

Ao longo dos anos, existe um aumento da circulação dessa literatura. No início da década de 1880, nota-se uma presença efetiva das tipografias dos jornais. Assim, a Tipografia da *Gazeta de Notícias* foi responsável por alguns títulos, entre eles: *O crime de Regina* (romance traduzido de Odysse Barot, 1882), *O selo da morte* de Leite Bastos (1882), *O caminho do crime* por Aléxis Bouvier em 1884 (coleção Biblioteca da *Gazeta de Notícias*).

A *Gazeta de Notícias* não era o único jornal que publicava edições em formato de livro. Assim, *O roubo de um diamante* de Pedro Ribeiro Vianna (1881) circula pela Tipografia do *Resendense*. Ao longo dos anos, torna-se mais comum encontrar títulos publicados pelas tipografias dos jornais, mostrando a importância que a imprensa adquiria para um incremento da circulação de livros: *A envenenadora* (VILLENNA, 1906) pela Tipografia do *Jornal do Brasil*, *O crime da mala preta. Traduzido especialmente para o "Correio da Manhã"* em 1908.

Além dessas publicações sob a forma de livro, não se deve descartar os inúmeros folhetins dos jornais, muitos de autores conhecidos e com traduções feitas especialmente para o jornal. Com o passar dos anos, elas vão aumentando vertiginosamente. Somente no ano de 1890, por exemplo, quase simultaneamente foram publicados *A História de um crime* de Victor Hugo no *Diário de Notícias*, *O processo Lebel. Memórias de um agente de polícia* de Henri Demesse na *Gazeta de Notícias* e *Crime e Castigo* de Theodoro Dostoevsky na *Gazeta da Tarde*, o qual certamente se inseria nesse manancial de narrativas de crime¹⁷.

Aluísio Azevedo publicou 3 romances na década de 80 sobre crimes e sob a forma de folhetim: *Mistério da Tijuca*, *Memórias de um Condenado* e *Casa de Pensão*, este último, em três formatos diferentes: até o capítulo XII no rodapé da *Folha Nova*, depois em fascículos e, finalmente, em livro pela Tipografia Militar de Santos e Cia (primeira edição) e a segunda denominada de "edição popular" (Faro e Lino). Todos em 1883.

A Laemmert, aproximadamente em 1887, publica *O médico assassino* de Octavio Fere, com tradução de F. Costa Braga, além de uma grande obra, em 4 volumes: *Na senda do crime*, romance traduzido de E. Koenig em 1910.

A *Livraria do Povo*, Quaresma & C. publicou *O Fruto de um Crime* de Eliziário da Silva, que estava na sua 5ª edição em 1898 e continuava a ser publicado em 1910. (fato que pode ser notado ao analisar o anexo de *José do Telhado e sua quadrilha*, publicação da mesma editora em 1910 e que versa sobre um bandido português).

¹⁷ Trata-se da primeira publicação do romance no Brasil, traduzido do francês.

Fabrício Pierrot [ca.1898] publicou *O Crime de Araraquara*, o qual teve a sua primeira edição esgotada com 2.000 exemplares e, logo em seguida, impressa uma segunda edição: “Porque aparece a segunda edição sem ser correta nem aumentada, d’ *O Crime de Araraquara*? Pela simples razão de haver o público benévolo esgotado a primeira”; *José do Telhado e sua Quadrilha*¹⁸, de autoria anônima, foi publicado ao menos três vezes entre 1910 e 1920 e *A Assassina*¹⁹, um livro de teor mais romântico, apesar da carta introdutória de Júlio Ribeiro, teve 4 edições, três delas em que se pode inferir as datas: 1850, 1886 e 1922.

Desde os primeiros anos do século XX até a década de 1930 (sendo inúmeras as edições após 1920), muitos títulos poderiam ser citados. Há dois momentos diversos (embora não estanques) no que se refere às publicações: o primeiro se estende até o início do século XX e apresenta obras de autores europeus (na sua maioria franceses e portugueses). Notadamente, a partir da segunda década do século XX, há uma circulação massiva de autores americanos, fato que não é de se estranhar, pois houve um número extenso de narrativas publicadas nos Estados Unidos desde o final do século XIX, principalmente na forma de *dime-novels*²⁰. A produção de autores brasileiros acompanhava todo o período, mas ficava nítido um diálogo com a produção estrangeira.

Após a década de 1920, os fascículos se tornam comuns e as histórias seriadas passam a ser publicadas sob a forma de fascículos semanais (apesar da continuidade dos folhetins nos jornais). Podemos citar *Nat-Pinkerton, o rei dos detetives; policiais e aventuras* com 12 fascículos, publicado no Rio de Janeiro na coleção de *Policiais e Aventuras; A mão sinistra*, cine-romance policial por Eduardo Victorino.

A idéia de um *boom* de literatura de crime é correta principalmente se nos concentrarmos nos anos iniciais do século XX. Pode-se dizer que uma literatura de crime tinha um caráter massificado, pois eram publicadas pelas mais diversas editoras, pequenas tipografias e jornais. Ressalto, ainda, que não se pode imaginá-las a partir de idéias pré-concebidas como aquelas que normalmente se remetem à estrutura típica de um romance policial. De fato, o romance policial deriva dessa multiplicidade de histórias e a percepção clara da importância das pistas não parece se efetivar naquele instante (MORETTI, 2000). Entretanto, algo é absolutamente correto afirmar: o criminoso tinha lugar central.

¹⁸ Confira JOSÉ do Telhado e sua quadrilha (1910), JOSÈ do Telhado (aventuras de) e João Brandão: o terror das encruzilhadas de Portugal (1920) e HISTÓRIA completa de João Brandão em verso e prosa (1924).

¹⁹ Romance Histórico por Antonio Joaquim da Rosa (Barão de Piratininga), 4ª edição de 1922. Desta edição constam o prólogo do autor para a primeira edição de 1850 e uma carta de Júlio Ribeiro sobre a obra, inicialmente publicada sob a forma de folhetim no *Mercantil* no ano de 1850 (segundo nos informa o próprio Júlio Ribeiro).

²⁰ Inglesa também, embora a maioria seja norte-americana. Destaco a coleção *Aventuras Extraordinárias de um polícia secreta (Sherlock Holmes)* [ca.1920].

PORTO, A. G. Sherlock Holmes and his sometimes gross imitations: literature of crime in Brazil. **Revista de Letras**, São Paulo, v.51, n.2, p.191-208, jul./dez. 2011.

- **ABSTRACT:** *The publication of a literature of crime in Brazil (national and foreign) was very common, chiefly from the 1870s. The objective of this paper is to show the dissemination of these publications, edited in several formats: serial, book, installment. Their wide circulation suggests that there was a common interest from readers, editors and writers in this production, which was favored by a fledgling market of literature, created by the diversity of newspapers, booksellers-editors and printing companies.*
- **KEYWORDS:** *Crime literature. Criminal. Detection. Journalism and literature.*

Referências

ASSASSÍNIO de Maria da Conceição perpetrado na cidade de S. Luís do Maranhão pelo Desembargador José Candido Pontes Visgueiro no dia 14 de agosto de 1873: processo e julgamento, inclusive a acusação e defesa produzidas perante o Supremo Tribunal de Justiça, segundo a compilação feita para a Revista “O Direito”. Rio de Janeiro: Tipografia Teatral e Comercial, 1874.

AVENTURAS extraordinárias de um polícia secreta: Sherlock Holmes. Rio de Janeiro: [s.n.], [ca.1920].

AZEVEDO, A. **Mistério da Tijuca:** romance original Rio de Janeiro: Tipografia da Folha Nova, 1882-1883.

_____. **Casa de pensão:** tipos e fatos. Edição popular. Rio de Janeiro: Faro&Lino, 1884.

_____. **Memórias de um condenado:** romance brasileiro. Ouro Preto: Tipografia do Liberal Mineiro, 1886.

AZEVEDO, M. D. M. de. **Criminosos célebres:** episódios históricos. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [ca. 1872].

_____. Sedição militar de julho de 1831 no Rio de Janeiro. **Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil**, Rio de Janeiro, Tomo XXXVII, parte segunda, 1874.

_____. Motim político de 17 de abril de 1832. **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Etnográfico do Brasil**, Rio de Janeiro, Tomo XXXVIII, parte segunda, 1875.

- BAROT, O. **O crime de Regina**. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1882.
- BASTOS, L. **O selo da morte**. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1882.
- BOUVIER, A. **O caminho do crime**. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1884.
- CANCELLI, E. **A cultura do crime e da lei**. Brasília: Ed. da UnB, 2001.
- CHALHOUB, S. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHEVALIER, L. **Classes laborieuses et classes dangereuses a Paris pendant la première moitié du XIXe siècle**. Paris: Plon, 1958.
- DARMON, P. **Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- DEMESSE, H. **O processo Lebel: memórias de um agente de polícia**. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 1890.
- DORES, M. das. **A noiva do assassinado**. Rio de Janeiro: Tipografia de Agostinho Gonçalves Guimarães e Cia, 1879.
- DOSTOIEVSKY, T. **Crime e castigo: romance russo**. Rio de Janeiro: Gazeta da Tarde, 1890.
- FERE, O. **O médico assassino**. Tradução de F. Costa Braga. Rio de Janeiro: Laemmert e Cia, [ca.1887].
- F. R. MARIA da Conceição, a vítima do desembargador Pontes Visgueiro. Rio de Janeiro: Tipografia Comercial, 1873.
- GABORIAU, E. **A corda na garganta**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier: Livreiro-editor do Instituto Histórico, 1873a
- _____. **O crime de Orcival**. Rio de Janeiro: B.L.Garnier: Livreiro-editor do Instituto Histórico, 1873b.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HISTÓRIA completa de João Brandão em verso e prosa. Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1924.

HUGO, V. **A História de um crime**. Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 1890.

JOSÉ do Telhado e sua quadrilha. Rio de Janeiro: Livraria do Povo Quaresma & C. Livreiros-editores, 1910.

JOSÉ do Telhado (aventuras de) e João Brandão: o terror das encruzilhadas de Portugal. Rio de Janeiro: Livraria Paulicéia, 1920.

KOENIG, E. A. **Na senda do crime**. Rio de Janeiro: Laemmert e Cia, 1910.

MAGALHÃES, V. O mundo fluminense: assassinato. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p.1, 23 maio de 1890.

MANDEL, E. **Delícias do crime**: história social do romance policial. São Paulo: Busca Vida, 1988.

MEYER, M. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, E. de. **Um erro judiciário**: o caso Pontes Visgueiro. Rio de Janeiro: Ariel Ed., 1934.

MORETTI, F. Slaughterhouse of literature. **Modern Language Quarterly**, Durham, p.207-227, Mar. 2000.

NAT-PINKERTON, o rei dos detetives. Rio de Janeiro: [S.l.: s.n., 19-?]. (Policiais e aventuras).

NICEFORO, A. O romance policial. **Boletim Policial**, Rio de Janeiro, v.11, p.437-452, 1913.

NÓBREGA, J. H. S. P. **O assassino e o adultério**: romance brasileiro. Rio de Janeiro: [s.n.], 1851.

O CRIME da mala preta. Traduzido especialmente para o Correio da Manhã. Rio de Janeiro: Tipografia do Correio da Manhã, 1908.

PIERROT, F. **O crime de Araraquara**. 2.ed. [S.l.: s.n.], ca.1898.

PORTO, A. G. Um esqueleto no Paço Imperial: literatura e política em alguns folhetins do início da República". **Cadernos AEL**, Campinas, v.9, n.16/17, p.95-134, 2002.

_____. **Crime em letra de forma:** sangue, gatunagem e um misterioso na imprensa do prelúdio republicano. 2003. Dissertação (Mestrado) – IFCH, Unicamp, Campinas, 2003.

_____. **Novelas sangrentas:** literatura de crime no Brasil. 2009. Tese (Doutorado) – IFCH, Unicamp, Campinas, 2009.

QUEM é José Ferreira ou memórias de um roubo célebre praticado por este cirurgião do corpo de saúde do exército. Maranhão: Tipografia Temperança, 1857.

RELATÓRIO apresentado ao Secretário da Justiça do Estado de São Paulo pelo Chefe de Polícia Theodoro Dias de Carvalho Junior em 31/01/1895. São Paulo, 1895. Arquivo do Estado de São Paulo.

ROCHA, J. J. **Os assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes:** novela histórica. Rio de Janeiro, 1839.

ROSA, A. J. da. **A assassina.** 4.ed. São Roque: Tipografia da Livraria Sãoroquense, 1922.

SILVA, E. da. **O fruto de um crime: cenas de Brasil e Portugal.** Inteiramente refundida, recomposta, e diferente na forma e na ação da edição primitiva. Rio de Janeiro: Livraria do Povo Quaresma&C. Livreiros-editores, 1898.

THOMAS, R. Detection in the Victorian novel. In: _____. **The Cambridge Companion to the Victorian Novel.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.169-191.

ÚLTIMOS momentos de quatro sentenciados à morte: folheto. [s.l.: s.n], 1839.

VIANNA, P.R. **O roubo de um diamante:** romance original. Rezende: Tipografia do Rezendense, 1881.

VICTORINO, E. **A mão sinistra:** cine-romance policial. Rio de Janeiro: O Malho, [19-?].

VILELA, C. **A emparedada da Rua Nova: romance.** 3.ed. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

VILLENA, M. **A envenenadora.** Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Brasil, 1906.

VITORINO, A. J. da R. Leitores e leituras de romances franceses em nossas plagas imperiais. **Cadernos AEL**, Campinas, v.9, n.16/17, p.57-94, 2002.